

APRESENTAÇÃO

O avanço da extrema-direita é um fenômeno global. Conforme a democracia liberal foi se mostrando cada vez menos capaz de promover algum tipo de paz social com concessões aos dominados, líderes e grupos ultradireitistas foram ganhando espaço dentro da própria competição eleitoral, ameaçando e por vezes mesmo alcançando o poder. Seu programa, que mostra afinidades inegáveis com os fascismos históricos, combina um acentuado conservadorismo na chamada agenda “moral” a um alinhamento não menos profundo com as visões liberais de redução do Estado e de desregulamentação das relações econômicas. Tudo isso embalado por uma retórica em que a extrema-direita apresenta a si mesma como representante de um “povo” ameaçado por elites culturais ou pela influência estrangeira – o que leva boa parte do jornalismo e também da Ciência Política a aplicar-lhe o rótulo discutível de “populista”.

As razões para tanto são múltiplas e complexas. A continuada crise do capitalismo global, que se arrasta por décadas; as mudanças no mundo do trabalho, com a consequente perda de dinamismo na mobilização da classe trabalhadora; as novas tecnologias da informação, que redefiniram as maneiras pelas quais ocorre o debate público; os desafios colocados às identidades nacionais e de grupo; os incentivos que a própria dinâmica da competição apresenta aos candidatos à liderança política – muitos fatores concorrem para explicar o cenário atual.

Na América Latina, a democracia liberal sempre realizou suas promessas de maneira ainda mais precária do que na Europa e na América do Norte. Ainda assim, os regimes que emergiram na onda de redemocratização das últimas décadas do século XX permitiram que setores populares disputassem espaços políticos e garantissem medidas redistributivas e de inclusão social modestas, mas com impacto importante na vida de seus beneficiários. Por aqui, o modelo também manifestou sua crise, primeiro na forma dos golpes de novo tipo, tal como ocorreram no Paraguai, em Honduras, no Brasil e na Bolívia, depois com fortalecimento das versões locais do extremismo de direita – que no nosso caso inclui, entre seus componentes definidores, ao lado do conservadorismo moral e do ultraliberalismo econômico, a negação dos crimes das ditaduras de segurança nacional.

A partir de 2020, pareceu possível alimentar a esperança de que o cenário começava a mudar. Os golpistas bolivianos foram derrotados nas eleições daquele ano. Em 2021, no Chile, José Antonio Kast, um extremista de direita, fracassou em sua ambição de chegar à presidência. No ano seguinte, Jair Bolsonaro não conseguiu se reeleger presidente do Brasil, mesmo com toda a truculência que marcou aquele pleito. Mas a vitória de Javier Milei na Argentina, em 2023, mostrou que o ciclo da extrema-direita na região está longe de se esgotar. A volta de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos acrescenta um fator externo que a fortalece.

Entender quem é, o que pensa e o que quer essa extrema-direita se apresenta, portanto, como uma tarefa central, do ponto de vista acadêmico tanto quanto político. Este dossiê é uma contribuição a este esforço.

O primeiro artigo, de Guilherme Simões Reis, apresenta uma abordagem comparativa entre Jair Bolsonaro e Javier Milei. Figuras de proa da nova extrema-direita sul-americana e aliados próximos, eles guardam diferenças significativas em seus estilos e projetos políticos. O autor rejeita uma concepção restritiva de fascismo, afirmando que Bolsonaro incorpora todas as suas

características, incluindo a mobilização centrada no discurso nacionalista e a idealização reacionária do passado. Já no caso de Milei faltam algumas características definidoras do fascismo, como a centralidade concedida à ideia de nação. Assim, Reis o classifica como um ultraneoliberal protofascista.

Em seguida, Mayara Balestro e Milleni Freitas Rocha tomam a produtora bolsonarista Brasil Paralelo como objeto, a fim de analisarem a mobilização do negacionismo histórico-científico pelas novas direitas brasileiras. As autoras refletem sobre os desafios que o ambiente atual de debate público, marcado pela emergência daquilo que por vezes é chamado de “pós-verdade”, coloca para as Ciências Humanas, cuja legitimidade é contestada nestes novos circuitos de difusão de informações (ou desinformações).

Antonio Carlos Andrade Ribeiro, Gabriely Lemos e Thiago Antônio de Oliveira Sá, no terceiro artigo do dossiê, também focam no bolsonarismo. O objetivo é entender como o sistema de crenças que anima a base da extrema-direita permanece de pé mesmo quando é reiteradamente desmentido pelo desenrolar dos fatos. Os autores concluem que um público politicamente radicalizado é guiado por uma racionalidade cognitiva capaz de ignorar a realidade circundante, dado que o que se deseja é a reafirmação de convicções compartilhadas.

Já Julián Castro-Rea desloca o olhar para os laços internacionais da extrema-direita latino-americana, analisando a proposta de construção de uma “Iberosfera”, unindo as forças conservadoras da Península Ibérica e de suas antigas colônias, lançada pelo partido espanhol Vox. O artigo mapeia as atividades direcionadas a este propósito e avalia os impactos.

Na sequência, Rafaella Lopes Martins Jaeger, Davi Athaydes Leite e Vitor de Moraes Peixoto tecem uma série de reflexões sobre as “Bases ideológicas do bolsonarismo nas eleições de 2022”. Valendo-se de dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) de 2022, os autores classificam os apoiadores de Bolsonaro em três grandes categorias: a dos convictos (apoio nas duas eleições), a dos arrependidos (apoio apenas em 2018) e a dos convertidos (apoio apenas em 2022), com foco em temas de alta exposição no debate público brasileiro como segurança, ampliação de direitos, políticas assistenciais e direitos reprodutivos. Tal classificação lhes permite desentranhar as diferenças ideológicas que operam dentro do campo bolsonarista.

No texto seguinte, que leva por título “As encruzilhadas juvenis: *habitus* e percepção política no ensino superior privado da Zona da Mata mineira”, Sílvio Augusto de Carvalho e Dmitri Cerboncini Fernandes examinam as disposições políticas de extrema-direita entre discentes da educação privada de nível superior. Em pesquisa de campo realizada na cidade de Juiz de Fora (MG), os autores realizam uma série de cruzamentos entre posicionamento político e pertencimento de classe da população investigada.

No artigo “‘Bancada da Bala’: um estudo da composição social e trajetória política dos/as deputados/as federais eleitos/as em 2018 e 2022”, Maria Lúcia R. de Freitas Moritz e Letícia Bonella analisam o perfil de deputados e deputadas federais vinculados aos órgãos da Segurança Pública. O foco do texto está posto na análise da trajetória dos parlamentares e das parlamentares que conquistaram seu primeiro mandato nos dois últimos pleitos eleitorais e que se identificam com o campo da direita, num cenário de demonização da política e de forte polarização em torno da figura de Jair Bolsonaro.

Por último, no texto “Radicalização em comunidades *gamer* no Brasil: como o bolsonarismo conseguiu se infiltrar no universo *gamer*” que encerra o dossiê, Heloísa Fernandes Câmara e Morgana Corrêa Guimarães analisam como a extrema-direita, especialmente o bolsonarismo, penetrou em um espaço tido como apolítico: o das comunidades *gamer*. As autoras identificam estratégias de radicalização digital direcionadas a jovens usuários, muitas vezes descolados

da política institucional, mas profundamente ativos em redes digitais. A partir de uma abordagem comparativa com o cenário norte-americano, o estudo mostra como o bolsonarismo incorporou linguagens, símbolos e códigos culturais para engajar esse público e disseminar valores autoritários.

Esperamos, portanto, que os textos aqui reunidos possam contribuir de alguma maneira para uma maior compreensão do que significa o crescimento da extrema-direita por estas latitudes. Assim como esperamos que sirvam, também, para melhor calibrar os sérios riscos que tal fenômeno representa para a preservação dos marcos democráticos e os enormes desafios que o dito crescimento coloca aos movimentos que lutam por sociedades menos injustas, menos desiguais, menos desumanas e mais democráticas.

Luis Felipe Miguel¹

Gabriel E. Vitullo²

1 Doutor em Ciência Política. Professor do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. <https://orcid.org/0000-0002-0420-6327>. E-mail: luisfelipemiguel@gmail.com

2 Doutor em Ciência Política. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://orcid.org/0000-0002-7019-8820>. Email: gvitullo@hotmail.com